



UM

Quando a Mio morreu, pensei:

«Quem criou este planeta deve ter criado outro planeta ao mesmo tempo, algures no universo.

O planeta para onde vão as pessoas quando morrem.

E esse planeta deve chamar-se Arquivo.»

— Arquivivo? — perguntou-me o Yuji.

— Não. Arquivo.

— Arquivivo?

— Arquivo.

— Arqui — disse ele, pensando um pouco, antes de acrescentar:

— Vivo?

— Como queiras.

Lá, num lugar semelhante a uma biblioteca gigante, muito tranquilo e muito asseado, é tudo incrivelmente organizado.

É um sítio amplo, com um corredor que o atravessa de uma ponta à outra e tão comprido que não se lhe vê o fim.

É lá que vivem as pessoas que deixaram o nosso planeta, em paz.

Pensando bem, esse planeta é parecido com o interior do nosso coração.

— O que queres dizer com isso? — perguntou-me o Yuji.

— Não te lembras, quando a mãe morreu, de que toda a família disse isso? Que ela estaria nos nossos corações?

— Sim...

— Esse planeta é o sítio onde moram todas as pessoas que morreram e que vivem no coração de alguém. Enquanto alguém pensar nelas, continuarão a viver nesse planeta.

— E se toda a gente as esquecer?

— Hum... Nesse caso, serão obrigadas a deixar o planeta. E aí sim, é o fim.

— No seu último dia no planeta, os amigos reúnem-se e fazem-lhe uma festa de despedida.

— Com bolo e tudo?

— Sim, com bolo e tudo.

— E com *ikura*?

— Claro que sim. (Ovas de salmão é o prato favorito do Yuji.)

— E com...?

— Com tudo e mais alguma coisa, fica descansado.

— O Jim Button também mora nesse planeta?

— Porquê?

— Porque conheço o Jim Button. Não é a mesma coisa que o ter no meu coração?

— Hum... (A pergunta devia estar relacionada com o facto de ele ter lido *Jim Button e Luke, o Maquinista* na noite anterior.)

— E a *Emma*, também mora lá?

— Só lá moram pessoas.

— Hum? — exclamou o Yuji.

— O Jim Button mora lá e a Momo também. O Capuchinho Vermelho mora lá e, claro, a Anne Frank também. E o mais certo é o Hitler e o Rudolf Hess também lá morarem. O Aristóteles mora lá e o Isaac Newton também.

— E o que é que eles fazem?

— Vivem a vida deles, tranquilamente.

— Não fazem mais nada?

— Como assim? Bem, o mais certo é todos estarem a pensar em alguma coisa.

— A pensar? Em quê?

— Em alguma coisa muito complexa. Algo que demore imenso tempo para obter resposta. Mesmo depois de irem morar para esse tal planeta, continuam a ter de pensar em coisas complexas durante imenso tempo.

— A mãe também?

— Não, a mãe está a pensar em ti.

— A sério?

— Sim. Por isso é que nunca te esquecerás dela.

— Pois não.

— Ainda és tão novo... Só conhecestes a tua mãe durante cinco anos.

— Sim...

— Por isso é que tenho de te contar muitas coisas sobre ela. Sobre o tipo de mulher que era a tua mãe. Sobre a forma como nos conhecemos e sobre o nosso casamento. Sobre a felicidade que ela sentiu quando tu nasceste.

— Está bem.

— Quero que te lembres de tudo. Quando chegar a minha altura de ir para junto da tua mãe, para esse tal planeta, irás recordar-te sempre.

— Compreendes?

— Hum?

— Oh, não tem importância.



DOIS

— Estás pronto para a escola?

— Hum?

— Tens tudo pronto? Já colaste as etiquetas com o teu nome?

— Hum?

«Porque é que ele é tão surdo? Não era assim quando a Mio era viva. Será que tem algum problema psicológico?»

— Está na hora. Vamos embora.

O Yuji estava novamente mergulhado no seu mundo de fantasia, mas agarrei-o pela mão, com firmeza, e deixámos o apartamento. No fundo das escadas, entreguei-o a um dos seus colegas mais velhos, que o esperava. A caminhar ao lado do outro miúdo, do sexto ano, o Yuji parecia uma criança da pré-primária. Tinha seis anos, mas era pequeno para a sua idade. Parecia que se tinha esquecido de crescer.

Visto de trás, o seu pescoço era tão magro e tão branco como o pescoço de um grou.

O cabelo, que aparecia por baixo do boné amarelo, era da cor do chá de Darjeeling misturado com leite.

Dali a alguns anos, esse mesmo cabelo, que agora se assemelhava ao cabelo de um príncipe inglês, transformar-se-ia em caracóis grandes e fortes.

Foi o que aconteceu comigo. É o que sucede quando atingimos a puberdade e as nossas glândulas começam a cuspir químicos a torto e a direito. Quando isso acontecer, o Yuji ficará muito maior, bastante maior do que eu. E irá conhecer uma rapariga, que se

parecerá incrivelmente com a mãe dele, e ambos irão apaixonar-se e, se tudo correr bem, um dia conceberão uma cópia com metade dos seus genes.

É o que tem vindo a acontecer desde os primórdios (na verdade, é o que a maioria dos seres vivos tem feito), é a rotina que continuará a desenrolar-se enquanto este planeta continuar a girar.

Montei-me na minha bicicleta, que guardo ao fundo das escadas, e dirigi-me para o gabinete de advocacia onde trabalho. Fica apenas a cinco minutos de distância. Eu e os automóveis não nos damos particularmente bem e fico contente por a distância ser tão curta.

Há oito anos que trabalho nesse escritório.

Não é tão pouco tempo como isso. Casei-me, tive um filho e depois a minha mulher partiu para outro planeta. Oito anos foi quanto bastou para tudo isso acontecer.

Agora sou um homem de vinte e nove anos com um filho de seis.

O meu patrão facilita-me imenso a vida.

Há oito anos já ele era um homem idoso, pelo que continua a ser um homem idoso e continuará a ser um homem idoso até morrer. Não conheço nenhum patrão que não seja idoso. Não faço ideia que idade terá. Mas já deve ter passado dos oitenta anos.

Sempre me fez lembrar um são-bernardo, com aquela pipa cheia de álcool pendurada ao pescoço. Só que, no caso do meu patrão, o que ele tem pendurado é o queixo duplo. É um homem calmo e afetuoso, e os seus olhos têm uma expressão dorminhoca, exatamente como um são-bernardo.

Se um são-bernardo estivesse sentado à secretária do meu patrão, o mais certo seria eu não dar por nada.

Sempre fui fraco, mas quando a Mio morreu fiquei ainda mais debilitado. Inclusivamente, comecei a perder a capacidade de respirar.

Estive imenso tempo sem conseguir trabalhar, o que criou uma série de problemas no gabinete de advocacia. Mas o meu patrão

não procurou ninguém para me substituir e ficou à espera que eu me sentisse melhor. Ainda agora deixa-me sair do trabalho às quatro da tarde. Não gosto de deixar o Yuji sozinho em casa e o meu patrão sabe isso. É claro que recebo menos no final do mês, mas passo tempo precioso com o meu filho e não há dinheiro que pague isso.

Ouvi dizer que, nas outras cidades, existem serviços de ocupação de tempos livres para crianças, mas aqui não temos nada do género.

Por isso é que me sinto tão grato por viver perto do meu local de trabalho.

Quando cheguei ao escritório, cumprimentei a Sra. Nagase, que já tinha chegado.

— Bom dia — disse-lhe.

Respondeu-me:

— Bom dia.

A Sra. Nagase já trabalhava no gabinete de advocacia quando eu comecei. Diz que começou a trabalhar logo a seguir a terminar o décimo segundo ano, portanto já deve ter uns vinte e seis anos. É uma mulher calma e séria, com um rosto sereno que lhe assenta na perfeição.

Às vezes preocupo-me com ela e interrogo-me se haverá um lugar para ela num mundo de mulheres nem tão tímidas, nem tão inexpressivas...

É como se alguém a impedisse de se exprimir, como se a empurrassem para baixo, e, a dada altura, ela fosse cair do mundo abaixo. Penso muito nisso.

O meu patrão ainda não tinha chegado.

Nos últimos tempos, andava a chegar cada vez mais atrasado ao escritório. Mas não me parece que seja por caminhar cada vez mais devagar.

Como tal, durante algum tempo éramos somente dois no gabinete de advocacia. Mais ninguém. Um número apropriado, atendendo à quantidade de trabalho que havia para fazer.

* * *

Sentei-me à minha secretária e li os recados assentes no meu bloco de notas. Coisas como «Ir ao banco às 14 horas», «Ir buscar documentos ao cliente» e «Ir ao Registo Civil», tudo escrito numa letra praticamente ilegível. Recados do «eu» de ontem para o «eu» de hoje.

Tenho uma memória terrível. Por esse motivo, assento tudo o que tenho de fazer.

Essa fraqueza de memória é uma das minhas inúmeras características infelizes, a soma das quais só prova que houve uma falha tremenda nos esboços que serviram para me conceber.

Uma zona em branco, digamos.

Estou convencido de que foi apagada com corretor e que tudo o que se escreve a tinta, nessa zona, nunca fica muito perceptível. É claro que não passa de uma metáfora, mas a realidade não está muito longe...

Não sei se são as letras que estão ligeiramente borradas, ou ilegíveis, ou se as palavras que estavam por baixo começaram a aparecer, mas a verdade é que, na minha mente, como que por acidente, são segregados químicos bastante poderosos e com resultados totalmente aleatórios. Isso faz de mim uma pessoa que se entusiasma mais do que é normal, que tem crises de ansiedade em momentos completamente despropositados, que se esquece de coisas que nunca deveria esquecer e que é incapaz de esquecer coisas que preferia esquecer.

É uma condição deveras inconveniente. Limita todas as minhas atividades e esgota-me por completo. Cometo imensos erros no trabalho e as pessoas têm tendência para me subestimar ainda mais do que deviam.

Por outras palavras, as pessoas tratam-me como se fosse um idiota. Ainda assim, nem sequer me dou ao trabalho de me justificar com os tais químicos segregados na minha cabeça. É uma chatice, as pessoas não me compreendem, mas, com base nos factos, não deixam de ter a sua razão.

O meu patrão é uma pessoa muito generosa. Não me despede e deixa-me continuar a trabalhar aqui. E a Sra. Nagase dá uma vista de olhos no meu trabalho, sem fazer um grande alarido.

Sinto-me bastante grato.